

**O PROBLEMA DO OESTE AMERICANO: SECA E EXPLORAÇÃO DE RECURSOS
HÍDRICOS EM *THE TIME IT NEVER RAINED* E *THE MAN WHO RODE
MIDNIGHT***

Adolfo José de Souza Frota¹

RESUMO: O artigo objetiva fazer uma análise dos romances de Elmer Kelton *The Time It Never Rained* e *The Man Who Rode Midnight* levando em consideração o tema da exploração da água como recurso hídrico indispensável para a concepção do Oeste americano. A partir de conflitos relativos à presença ou à falta de água, Kelton discute a decadência da atividade agropecuarista e a concepção de novos meios de exploração ambiental, o que gera disputas entre personagens ligadas à uma tradição *cowboy* e aquelas outras que buscam implementar o desenvolvimento econômico. Partindo da ideia de que seus protagonistas estão intimamente ligados à terra, a exploração desmedida por eles observada sentencia o fim não somente de um estilo cultural, mas, acima de tudo, da conservação da natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza; Oeste hidráulico; Água; Elmer Kelton.

ABSTRACT: This article aims to analyze Elmer Kelton's novels *The Time It Never Rained* and *The Man Who Rode Midnight* taking into account the theme of water exploration as an indispensable hydric resource to the conception of the American West. From the relative conflicts concerning the presence or the absence of water, Kelton discusses the decadence of the agricultural activity and the conception of new ways of environment exploration in which creates conflicts between characters linked to a cowboy tradition and those others that search to implement the economic development. Starting from the idea that his characters are intimately linked to the land, the unreasonable exploration that they observe sentences both the end of a cultural style and the conservation of nature.

KEYWORDS: Nature; Hydraulic West; Water; Elmer Kelton.

A atividade extrativista e exploratória, no Oeste americano, é uma questão que vem sendo discutida há mais de um século. Refletir sobre a particularidade da natureza na região, especificamente sobre a aridez que se espalha, por exemplo, desde o Texas até a Califórnia, percorrendo os desertos de Chihuahua, Grande Bacia, Mojave e Sonora, tem sido uma constante entre vários escritores literários dos Estados Unidos, especialmente para aqueles que tiveram alguma relação afetiva, seja com a paisagem, seja com os povos que habita(ram) a região ou com o problema da exploração de seus recursos naturais. Autores como Edward Abbey, John Nichols, John Steinbeck, Cormac McCarthy e Elmer Kelton, por exemplo, escreveram sobre o homem do Oeste, sobre o desafio de se viver na aridez, sobre os problemas culturais e sociais acarretados pelas mudanças conjunturais e tecnológicas, e pelo constante assédio do governo, dos fazendeiros, empresários ou mesmo das indústrias petrolíferas interessadas naquelas terras.

¹ Doutor em Letras. Professor da Universidade Estadual de Goiás. Email: adolfothedrifter@gmail.com.

Desta forma, as temáticas do Oeste americano e dos recursos naturais estão intimamente imbricadas na sua produção ficcional. Narrativas como *Rebelião em Milagro* (John Nichols), *Desert Solitaire*, *The Monkey Wrench Gang* (Edward Abbey), *Trilogia da fronteira* (Cormac McCarthy), *As vinhas da ira* (John Steinbeck), *Goodbye to a River* (John Graves), *The Man Who Rode Midnight* e *The Time It Never Rained* (Elmer Kelton) apresentam, em seus contextos ficcionais, problemas reais advindos da exploração da natureza e da presença maciça do homem em regiões áridas.

Dos autores há pouco citados, Elmer Kelton decidiu se tornar um cronista dos *cowboys* texanos ao se dedicar às narrativas que apontavam para os grandes desafios enfrentados por seus heróis, fortemente baseados em *cowboys* que ele conheceu, principalmente em sua infância. Em dois de seus romances mais conhecidos, *The Time It Never Rained* e *The Man Who Rode Midnight*, Kelton percorreu décadas decisivas da história da exploração das águas no Texas, entre os anos 50 e 80 do século XX. Nestes dois romances, dois dos grandes desafios enfrentados por aqueles que decidem participar da exploração de atividades agropastoris são apresentados: *The Time It Never Rained* mostra o desafio do rancheiro Charlie Flagg ao enfrentar uma grande seca ocorrida no Texas nos anos 50 (em Rio Seco), e a sua resistência ao não pegar empréstimo bancário para pagar as contas e manter vivo o pouco rebanho que possuía; *The Man Who Rode Midnight* é a história de Wes Hendrix, que se destacou na juventude ao montar o temido cavalo Midnight e vencer a competição de rodeio, o que lhe deixou famoso por um período na cidade de Big River. Já em idade avançada, Wes é assediado pelo filho e por autoridades de sua cidade que querem transformá-la em polo turístico aquífero, solução imediata para a crise do setor nos anos 80.

Considerando os dois livros citados, o objetivo deste texto é analisar como Elmer Kelton observou algumas mudanças ocorridas no Texas (no que concerne ao desafio de se sobreviver como rancheiro) e como seus heróis enfrentaram a inevitável adaptação ao mundo moderno, levando-se em conta que a modernização do Oeste está intimamente associada à exploração da natureza e de seus recursos, especialmente daquele que é o mais escasso de todos: a água. Sendo narrativas ambientadas no Texas, é possível observar uma série de temáticas inter-relacionadas e que, de certa forma, ajudam a compreender a complexidade da pergunta “o que é o Oeste?” e a analisar como se configura a forte relação estabelecida entre homem e natureza.

O Oeste hidráulico na ficção de Elmer Kelton

Considerando a conturbada história da colonização do Oeste americano no século XIX, é possível afirmar que a região se tornou um verdadeiro “palco” de conflitos, violências étnicas, conquistas territoriais e trocas culturais profundas durante o seu processo de colonização. Já no século XX, a mesma região presenciou outro tipo de conflito relativo às imigrações e às disputas sobre questões ambientais, sobre o fluxo da água, aliado ao desenvolvimento industrial e ao crescimento populacional. Esses fatores em si, conforme explica Patricia Limerick (1994, p. 90), sinalizam para a ideia de que a tranquilidade nesta região está longe de ser uma realidade.

O século XIX foi um período conflitante e definidor para a geografia do Oeste americano. Com o estabelecimento de fronteiras, que dividiam o mundo “selvagem” (*wilderness*) do mundo “civilizado” (embora esta palavra não seja a mais adequada), criou-se a ideia de que a civilização era uma necessidade, por isso os colonizadores seriam bem-vindos para a exploração daquela porção pouco desenvolvida. Por outro lado, a barbárie (termo também questionável), que era um atributo dos índios e dos “fora da lei”, deveria ser eliminada em prol da domesticação do espaço. Assim, a fronteira do Oeste americano foi a região “imaginária”, onde havia separação entre essas duas porções heterogêneas (civilização e barbárie, domesticação e selvageria). Jean Morency (2007, p. 289) explica que, como a história americana estava vinculada ao “avanço progressivo da nação em direção ao Oeste”, a região da fronteira poderia ser considerada um lugar móvel e evanescente por definição: “Com efeito, a *frontier* é, cedo ou tarde, chamada a desaparecer assim que todas as terras são ocupadas; mas, nem por isso, ela deixa de ser o elemento que distingue radicalmente a sociedade americana da europeia”.

As disputas constantes no Oeste dos Estados Unidos refletem, basicamente, o conceito de que esta fronteira sempre foi considerada uma terra repleta de recursos naturais para o desenvolvimento econômico, o que alimentou a crença de que a região seria uma terra de oportunidades, do sonho americano de sucesso econômico. A possibilidade de enriquecimento rápido, com base nas atividades voltadas para a extração ou uso da terra, fomentaram disputas entre os homens brancos e os indígenas. Porém, conforme explica Patricia Limerick (1988, p. 46-47), se no século XIX os colonizadores enfrentavam a resistência dos indígenas, que eram os habitantes mais antigos da região, o século XX inverteu consideravelmente a posição

conflitante. Agora, os novos “indígenas” eram homens brancos, na verdade, mais especificamente, rancheiros ou ambientalistas, que procuravam resistir à influência da modernização da região e a modificação de certas atividades econômicas.

Conforme explica Donald Woster (1992, p. 28), dois modos ecológicos de atividade econômica são característicos desta região árida: sobre a primeira, é preciso considerar a presença do *cowboy* e do pastor de ovelhas, o que caracteriza o *pastoral West* (Oeste pastoral); em relação ao segundo, que concerne à presença do irrigador e do engenheiro de água, o autor chama de *hydraulic West* (Oeste hidráulico). Os dois modos ecológicos constituem o Oeste, embora tenha havido um interesse maior em relação ao Oeste pastoral. Este trabalho busca demonstrar que a literatura pode discutir ambos os temas de forma inter-relacionada.

A escolha dos romances de Elmer Kelton é justificável porque o autor procurou analisar o impacto na vida de seus protagonistas *cowboys*, das mudanças ocorridas no Texas (em especial, relacionado ao uso ou à falta de água) no intervalo de poucas décadas de um mesmo século. Como o elemento água é imprescindível nos dois romances, Kelton situou as narrativas nas cidades ficcionais de Big River e Rio Seco, que estavam passando por transformações por causa da escassez de água ou por sua existência, de certa forma, em abundância.

A grande relevância da água talvez tenha estimulado Kelton a escrever dois romances com a mesma temática, embora *The Time It Never Rained* fosse sobre a sua escassez e *The Man Who Rode Midnight* discutisse a sua abundância. Pensando nesta narrativa, a presença da água motivou a substituição de atividade econômica, já que a criação de gado perdera sua autossuficiência. Não sendo possível manter a administração da cidade de Big River com a economia agropecuária em crise, a solução seria transformá-la em polo turístico aquífero. Entretanto, nem todos os proprietários de terra pensavam assim. A personagem Wes Hendrix reconhece ser um entrave para o desenvolvimento municipal pela postura de não querer vender o rancho para um grupo de investidores forasteiros. Se em sua juventude Wes despertou a admiração de todos, por ter vencido a disputa com Midnight, na velhice ele passou a ser um problema para aqueles que buscavam a saída da crise:

Estranha a forma como a vida muda as coisas em você. Naquela época, quando montei o velho Midnight, as pessoas tiravam fotos minhas. Meu nome estava nos jornais. As pessoas desviavam o caminho para vir apertar minha mão e conversar. Fui herói por um tempo e as pessoas se gabavam

dizendo que me conheciam. Agora, tudo se foi; nada mais importa. Sou só um velho no meio do caminho de todos. (KELTON, s/d, p. 114)²

Wes se torna um grande entrave para o progresso de Big River devido ao seu apego ao rancho comprado quando ainda era jovem. Como a cidade estava passando por uma crise no setor agropecuário, a alternativa viável para a sua “salvação” passava pela transformação em polo turístico das águas, o que gerou conflito familiar. Em *The Time It Never Rained*, Charlie Flagg enfrenta uma grave seca que assolou o Texas nos anos 50 (precisamente, entre os anos de 1949 a 1957). Além do desafio de sobrevivência, Charlie teve que enfrentar o assédio do governo que ofertava empréstimos bancários com juros exorbitantes, o que o levaria à falência em pouco tempo.

O uso da água, sendo ele o elemento essencial para a vida, costuma gerar disputas. Em regiões mais áridas, a tendência é um conflito mais acentuado. Considerando um contexto mais geral, Donald Woster comenta que as pessoas se organizaram e foram induzidas a seguir o percurso dos canais “numa linha reta para o máximo de produção e lucro”. E o Oeste americano não foi diferente, pois ele também “pode ser melhor descrito como uma sociedade hidráulica, o que quer dizer, uma ordem social baseada na manipulação intensiva e em larga escala da água e seus produtos em um cenário árido” (WOSTER, s/d, p. 6-7).³

A sobrevivência neste cenário depende de um gerenciamento intensivo do recurso natural que é mais escasso, precioso e vital: a água. É por este motivo que:

A água tem sido crucial para a construção da história humana. Ela moldou instituições, destruiu cidades, pôs limites para a expansão, trouxe alegria e fome, carregou mercadorias para o mercado, lavou doenças, dividiu nações, inspirou adoração e súplica aos deuses, deu aos filósofos uma metáfora para a existência, e descartou o lixo. Escrever história ignorando a água é deixar de lado parte da história. A experiência humana não tem sido tão seca assim. (WOSTER, s/d, p. 19)⁴

² No original: “Strange, the way life changes things on you. That time I rode Ol’ Midnight, they taken my picture. My name was in the papers. People went out of their way to shake my hand and talk to me. I was a hero for a while, and people liked to brag that they knew me. Now all that’s gone; it don’t mean a damned thing anymore. I’m just an old man standin’ in everybody’s way.” Todas as traduções são de minha autoria e virão com o texto original em nota de rodapé.

³ In a straight line toward maximum yield, maximum profit. [...] can best be described as a modern *hydraulic society*, which is to say, a social order based on the intensive, large-scale manipulation of water and its products in an arid setting.

⁴ Water has been critical to the making of human history. It has shaped institutions, destroyed cities, set limits to expansion, brought feast and famine, carried goods to market, washed away sickness, divided nations, inspired the worship and beseeching of gods, given philosophers a metaphor for existence, and disposed of garbage. To write history without putting any water in it is to leave out a large part of the story. Human experience has not been so dry as that.

Sendo a água um dos elementos mais vitais para a nossa sobrevivência, a possibilidade de dominá-la, explorá-la e utilizá-la para interesses humanos promove uma corrida econômica nada amistosa. Isso acontece porque o domínio da natureza, no Oeste americano, é representado pela modificação geográfica na construção de represas ou lagos, o que afeta, diretamente, as atividades dos povos que vivem em regiões onde há planejamento de engenharia. Conforme explica Patricia Limerick (1988, p. 318), tanto em períodos de seca ou de enchente, a distribuição irregular de água no Oeste pareceu ser o principal desafio imposto para o domínio e o gerenciamento da natureza.

Esses dois aspectos, domínio e gerenciamento de recursos naturais, configuraram-se, na concepção do filósofo social Marx Horkheimer, como um tipo de domínio social. São palavras dele:

O ser humano, no processo de emancipação [a tecnologia surge para oferecer meios de liberdade humana], compartilha o destino do resto de seu mundo. A dominação da natureza envolve a dominação do homem. Em outras palavras, quando o turista olha o espelho d'água represado na barragem Hoover, ele está, de fato, vendo sua própria vida refletida. O que foi feito ao rio Colorado foi feito também à sua própria vida; ele foi também conquistado e manipulado [...] feito para servir como instrumento de produção. (HORKHEIMER apud WOSTER, 1992, p. 71)⁵

O governo tem sido uma forma eficiente de controle e poder de uma minoria de homens sobre outra maioria. A intervenção governamental cria uma forma de poder concentrada e que ameaça o domínio da vida das pessoas:

O governo poderia intervir no resultado, não apenas para aumentar mais a água, mas também para distribuí-la entre mais mãos. Mas, ao fazer isso, o governo se tornaria uma forma de poder concentrado, ameaçando dominar as vidas das pessoas até um grau intolerável. Simplesmente, o domínio da natureza no império da água levaria ao domínio das pessoas por outras pessoas. (WOSTER, 1992, p. 31)⁶

O domínio de poucos sobre uma maioria, como é a relação do governo com a população, se torna um problema de gerenciamento de pessoas, já que é função

⁵ The human being, in the process of his emancipation [technology appears to offer a means of human freedom], shares the fate of the rest of his world. Domination of nature involves domination of man. In other words, when the tourist looks into the flat water backing up behind a dam like Hoover, he is in fact seeing his own life reflected. What has been done to the Colorado has been done to him as well; he too has, in a sense, been conquered and manipulated, [...] made to serve as an instrument of production.

⁶ Government could intervene in the outcome, not only to develop more water but also to distribute it into more hands. But in doing so, the government would itself become a form of concentrated power, threatening to dominate people's lives to an often intolerable degree. Quite simply, the domination of nature in the water empire must lead to the domination of some people by others.

governamental “cuidar” e “zelar” da vida dos cidadãos. Observando o enredo de *The Time It Never Rained*, é possível visualizar dois desafios enfrentados por Charlie Flagg. Além da seca (que durou quase uma década) interferindo perigosamente em sua sobrevivência, o velho rancheiro teve que resistir à pressão federal com o tentador empréstimo bancário como meio de sobrevivência imediata. Sabendo que os juros seriam abusivos, e que, em prazo curto, o obrigaria a vender a fazenda para saldar a dívida, Charlie resiste bravamente e confirma a tese central do romance, ou seja, de que a terra dura faz o homem mais forte. Ele acreditava que “[u]m homem tinha que fazer tentativas e quando isso não funcionasse, teria que tentar algo mais. Tentar e continuar tentando. Resistir e tentar de novo” (KELTON, 2008, p. 223-224).⁷

A terra dura e áspera do Texas foi um “palco” para a passagem de vários povos durante a sua história. Depois da presença dos indígenas, dos caçadores de *mustang* (cavalos selvagens) e dos rancheiros pioneiros, “era a vez de Charlie usar esta terra, moldá-la do seu jeito e de ser moldada por ela. Em um grau que ele nunca soube, ele foi moldado por todos aqueles que vieram antes” (KELTON, 2008, p. 13-14).⁸ Elmer Kelton sinaliza para a crença de que há uma relação simbiótica entre homem e natureza ao ponto de cada elemento interferir na sobrevivência do outro, ou seja, da mesma forma que a terra árida moldou Charlie como um rancheiro resistente às intempéries da natureza e da agiotagem, a terra também era moldada por ele enquanto dono de propriedade rural cuja vida estava dependente daquilo que o campo poderia lhe proporcionar.

E quando as alternativas ambientais possibilitam um rearranjo nas atividades econômicas, quer dizer, quando há outros recursos “prontos” para serem explorados, entra uma segunda força de domínio plutocrata: a especulação imobiliária cujos métodos de “convencimento” são tão abomináveis quanto os do governo. Na “Introdução” de *The Man Who Rode Midnight*, Elmer Kelton comenta a nocividade do interesse econômico imobiliário por sua ação efetiva de transformação geográfica, como a inundação de sítios históricos:

Este não é um dilema incomum numa época quando o domínio eminente geralmente sobrepuja os direitos individuais, os poucos que sofrem em benefício de muitos. Próximo de onde eu vivo, um grande Projeto de lago, construído para o benefício de algumas cidades do Oeste do Texas e cidadezinhas, deslocou algumas dezenas de fazendas e ranchos familiares e extinguiu uma velha e pequena cidade. O fato de que o Projeto beneficiará algumas centenas de milhares de pessoas não ameniza a dor daqueles que

⁷ “A man had to make his try, and when that didn’t work he had to try something else. Try and keep trying. Endure, and try again”.

⁸ “it had been Charlie’s turn to use this land, to shape it in his own way and to be shaped by it. To a degree he never knew, he had been shaped by all those who had gone before him”.

foram convocados para sacrificar a herança de gerações. Não ameniza a perda cultural resultante da destruição de uma comunidade antiga e a inundação de sítios históricos valiosíssimos, que foram comprados há mais de um século pelo derramamento do sangue dos índios e dos brancos. (KELTON, s/d, p. 7)⁹

Nesta introdução, Kelton sinaliza para a problemática do direito individual que é sacrificado em virtude da coletividade e a perda cultural como consequência imediata da destruição de sítios históricos. Nos dois romances deste autor texano, o tema da (falta de) água indica a sua preocupação com a natureza, porém, não deixando de realçar a relação do *cowboy* com o espaço rural, já que o rancho é de onde ele tira o sustento. As atividades econômicas das duas narrativas envolvem a exploração da água, tanto em relação à sua abundância quanto à sua escassez.

Resistência simbólica e os problemas advindos da (falta de) água

A relação homem e natureza precisa manter certo equilíbrio para o benefício mútuo. A atividade *cowboy*, como já dito, está diretamente relacionada à atividade no campo, de exploração da terra, pretensamente de forma equilibrada. Embora o rancheiro explore os recursos de sua propriedade, esta atividade deve ser estabelecida não só conforme as suas necessidades, mas também conforme os limites da sustentabilidade rural. A impressão é que *The Time It Never Rained* funciona como um lembrete da exploração desenfreada do homem em busca de uma maior produtividade e rentabilidade. De fato, a seca nos anos 50 ocorreu e ameaçou a vida dos rancheiros e agricultores. E se não foi tão marcante quanto o *Dust Bowl*¹⁰, também não pode ser esquecido ou virar nota de rodapé nos livros de história. A natureza costuma emitir alertas de seu esgotamento. E, nesta narrativa, é o próprio protagonista quem se torna o arauto do apocalipse: “Há um limite para o que você pode tirar dela. Trate a terra

⁹ This is not an uncommon dilemma in a time when eminent domain so often outweighs individual rights, the few suffering for the benefit of the many. Near where I live, a huge lake Project built for the benefit of several West Texas cities and towns has displaced a few dozen farm and ranch families and obliterated one small, very old town. The fact that the Project will benefit several hundred thousand does not lessen the pain for those who have been called upon to sacrifice the heritage of generations. It does not lessen the cultural loss resulting from the destruction of an old community and the inundation of priceless historic sites bought more than a century ago by the spilling of white and Indian blood.

¹⁰ A terrível “taça de pó” que aconteceu entre os anos 30 e 40 por causa do manejo inadequado do solo, o que levou várias regiões americanas e até canadense a sofrer constantes tempestades de areia.

de forma correta e ela cuidará de você. Explore ela ... abuse dela ... e em vinte anos parecerá como o deserto do Saara” (KELTON, 2008, p. 92).¹¹, vaticina Charlie.

Embora o deserto de Chihuahua abranja parte desta região, a possibilidade de que o Texas se transforme em um deserto mais seco e mais inóspito assusta Charlie para a possibilidade de um futuro pessimista e melancólico. De certa forma, a sobrevivência de Rio Seco estava seriamente comprometida, e a visão desoladora da estiagem compromete qualquer otimismo de que a crise fosse passageira.

Não é sem motivo que Charlie vê com preocupação o crescimento da exploração petrolífera em solo antes destinado à economia agropecuária. Na década de 50, o crescimento americano veio com a necessidade cada vez maior do consumo de gasolina por causa do *boom* econômico pós-guerra. A nova classe média americana demandava mais combustível fóssil à medida que comprava mais veículos automotores. Com o enfraquecimento da atividade agropecuária, os ranchos com reserva subterrânea de petróleo foram comprados por companhias, entre elas a Texaco (*Texas Company Petroleum*). A consequência imediata poderia ser observada assim que o poço de ouro negro secasse: a terra seria abandonada e nenhuma ação para redução do impacto de exploração seria executada.

Entretanto, a venda para empresas petrolíferas se configurava como uma saída lucrativa para rancheiros em dívida. O repórter Johnson, que veio cobrir o efeito da longa estiagem em Rio Seco, comenta sobre a necessidade de um bom campo de petróleo, o que pagaria várias dívidas. A resposta de Charlie revela, exatamente, o poder de destruição do progresso na modificação e esgotamento da natureza:

Talvez, mas você paga um preço por isso. Um campo de óleo deixa uma cicatriz na terra. E o povo do petróleo não se importa muito com a terra, a maioria deles. Estão interessados apenas no que está embaixo dela. Esgotarão a água ou a deixarão poluída com sal se não forem vigiados. Haverá uma época neste país quando um barril de água valerá mais do que um barril de óleo. (KELTON, 2008, p. 305)¹²

O que está em jogo não é apenas a sobrevivência dele como *cowboy*, mas a existência sustentável do campo como um habitat equilibrado. Em tempos de crise, a possibilidade de

¹¹ “There’s a limit to what you can take out of it. Treat the land right and it’ll take care of you. Overgraze it ... abuse it ... and in twenty years it’ll look like the Sahara Desert”.

¹² “Maybe, but you pay a price for it. An oilfield scars up the land. And them oil people, they don’t care much about the land, most of them. They’re only interest in what’s under it. They’ll use up your water or leave it polluted with salt if you don’t watch them. There’ll come a time in this country when a barrel of water is worth more than a barrel of oil.”

que a água se torne cada vez mais um bem escasso influencia o velho rancheiro na criação de um quadro futurista distópico e cheio de incertezas.

Uma porção considerável de sua visão pessimista do futuro está na observação do seu presente. Rio Seco enfrentava a grave crise da falta de chuva e isso foi minando a resistência de vários outros moradores, já que a cidade passava por um processo de despovoamento, que é bem característico em momentos de crise:

Há pouco tempo a família Flores voltou para San Angelo. Charlie permaneceu de pé sozinho na rua olhando para as lojas vazias, e sombriamente percebendo que depois de hoje – não importa quanto pudesse chover, não importa quanto a região pudesse se recuperar – ela jamais seria a mesma novamente. Sempre haveria um vazio aqui, uma cicatriz que nunca sararia. (KELTON, 2008, p. 327)¹³

A cicatriz do protagonista jamais seria curada por se tratar de um ferimento espiritual, um vazio provocado pela debandada de vários conhecidos seus. Com a família Flores voltando para San Angelo, Texas, e várias lojas de Rio Seco vazias, sem clientes, a volta da chuva, que poderia trazer alento para todos, na verdade não agiria com uma panaceia eficiente para a sua cura espiritual.

Considerando que *The Time It Never Rained* se passa nos anos 50, o vaticínio de Charlie, que vê a possibilidade de destruição provocada pela exploração petrolífera, se concretiza em outro romance de Elmer Kelton, *The Man Who Rode Midnight*, quando Wes Hendrix, nos anos 80, resolve visitar sua antiga cidade nas proximidades de Lubbock, Texas. Ao chegar à sua terra da infância, Wes sente um misto de tristeza e revolta por ver a destruição provocada pela exploração desenfreada do combustível fóssil:

Ele provou-a cautelosamente e fez uma careta. “Com certeza, a água não melhorou. Agora, ela tem gosto de petróleo. Contaminada por todos aqueles malditos poços de petróleo”.

Foi até o carro, voltando-se para um último olhar. A tristeza revelava-se em seu rosto, mas a raiva era mais nítida. “Malditos!”, disse. “São todos malditos pelo que fizeram com o bom país!” (KELTON, s/d, p. 234)¹⁴

¹³ In a little while the Flores family was gone back to San Angelo. Charlie stood alone on the street, staring at the vacant store buildings, somberly realizing that after today – no matter how much it might rain, no matter how much the country might recover – it would never be the same to him again. There would always be an emptiness here, a scar that would never quite heal.

¹⁴ He tasted it cautiously and made a face. “The water sure ain’t improved any. Even tastes a little like oil now. Contaminated from all them damned oil wells.”

He walked to the car, turning back for a final look. Sadness was in his face, but anger was stronger. “Damn them!” he declared. “Damn them for what they done to a good country!”

O cenário pós-apocalíptico que se revelou extinguiu qualquer esperança de Wes ao perceber a destruição da cidade de sua infância. Contra a força do progresso inevitável, nada pode ser feito, pois “[u]m velho oponente não pode bloquear as rodas do progresso” (KELTON, s/d, p. 96)¹⁵, assim a única oposição viável seria o enfrentamento simbólico, pois ele sabe que a venda da fazenda é apenas uma questão de tempo. Enfraquecido pela vida dura do campo e pela idade já avançada, Wes encontra esperança ao despertar no neto Jim Ed o desejo de continuar o legado *cowboy*, mesmo que isso não ocorra em sua propriedade, pois o rancho será vendido.

A visita que ele e o neto fazem à cidade de sua infância não trouxe o consolo que ele desejava, já que Wes estava fragilizado pela idade e pela pressão da família e moradores de Big River. A destruição provocada em virtude da exploração e do abandono destruiu suas primeiras lembranças, além de ter adicionado a desoladora certeza de que o inevitável progresso, estimulado pelo desejo financeiro de grupos de empresários, tem uma força destrutiva e avassaladora. A estratégia de exploração, incompreensível para Wes, funciona da seguinte lógica: quando a região a ser explorada perde a produtividade, ela deixa de ser importante. Como uma nuvem de gafanhotos, as companhias de petróleo devastaram e abandonaram aquela pequena cidade esgotada, deixando-a em ruínas:

Comparado a isto, Big River era um modelo de esplendor arquitetônico. Uma instalação abandonada com equipamentos petrolíferos deixava uma cicatriz na beira da estrada, dentro do sinal de limite da cidade, sua estrutura metálica enferrujada afundada, as janelas quebradas. Maquinário obsoleto em ambos os lados cobertos de óleo, graxa e poeira. Uma cerca ciclone caída era uma armadilha para os *tumbleweeds* secos e pedaços de papel carregados pelos ventos. (KELTON, s/d, p. 234)¹⁶

Wes compreendeu que sua resistência simbólica fracassaria porque havia uma força maior e mais poderosa contra a qual ele não poderia lutar. A ganância que valoriza a terra apenas pelo seu potencial econômico estimula uma corrida desenfreada de exploração e destruição dos recursos da natureza. E Elmer Kelton observou como o advento de uma nova economia seria prejudicial para o Texas, principalmente para aqueles grupos mais voltados para a tradição, como são os *cowboys* que o autor representa. Em *The Time It Never Rained* existiam, além da especulação imobiliária das companhias petrolíferas, a agiotagem federal e

¹⁵ “One contrary old man can’t block the wheels of progress”.

¹⁶ Compared to this, Big River was a model of architectural splendor. An abandoned oil-field equipment facility scarred the roadside just inside the city limits sign, its rust-stained sheet-metal building slumped, the windows broken out. Obsolete machinery on either side of it was crusted by old oil and grease and dirt. A sagging cyclone fence was a trap for dried tumbleweeds and scrap paper carried by the winds.

um tipo de atividade rural até então desconhecido por Charlie Flagg. O que ele perceberá é a existência da agricultura de rendimento, em que a proposta gira em torno da máxima produtividade em curto período de tempo, mesmo que isso ocasione o esgotamento do solo. A ideia é que este tipo de produção acelerada pagaria o investimento na aquisição (ou arrendamento) da terra de forma mais rápida e sem grandes riscos.

Ao visitar Prairie Farm Development Company, uma fazenda adquirida por um grupo de empresários, Charlie conversa com o seu administrador Joe Fentress sobre a atividade de rotação de cultura, que seria a variação de plantio de diferentes culturas para que os nutrientes do solo não fossem esgotados por causa de uma única variedade (monocultura):

“Rotacionar? Para quê? Usamos fertilizante para mantê-la produzindo. Desta terra mais fértil, podemos retirar algodão por muitos anos.”

“Mas, eventualmente, a terra vai se esgotar.”

O homem deu de os ombros. “Mas então teremos amortizado nosso investimento. Como sabemos por quanto tempo a água de irrigação vai aguentar? Tiraremos o nosso lucro enquanto pudermos. A agricultura é um negócio, você sabe. É só um negócio e nada mais.”

Charlie sentiu a náusea voltando, e sabia que não era apenas o café. Ele se lembrou do tempo que viu Emil Deutscher se ajoelhar ali e correr as mãos pelo solo e pegar um pouco e apertá-la. Emil tinha amado esta terra da forma como ele amava Deus. De certa forma, ele havia visto Deus e a terra como um só. (KELTON, 2008, p. 350)¹⁷

A ideia do romance é apresentar uma nova concepção do agronegócio e que difere do conhecimento tradicional de atividade de Charlie. Para um lucro mais eficiente e um retorno de investimento imediatista, algumas regras tradicionais de agricultura, como a rotação de culturas, seria desconsiderada. O esgotamento dos nutrientes da terra não seria preocupação para os empresários desde que houvesse uma rentabilidade em curto prazo, já que a lucratividade era o interesse mais premente.

Já em *The Man Who Rode Midnight*, a ideia capitalista é identificar o rancho como uma grande fábrica onde todos os componentes da atividade funcionariam como o produto

¹⁷ “Rotate? What for? We’ll use fertilizer to keep it producing. We can squeeze cotton out of this better land for a good many years.”

“But eventually the land’ll wear out.”

The man shrugged. “By then we’ll have amortized our investment. How do we know how long the irrigation water will hold up? We’ll take our profit while we can get it. Farming is a business, you know. Just a business, and nothing else.”

Charlie felt that nausea coming back, and he knew it wasn’t just the coffee. He remembered the times he had watched Emil Deutscher kneel here and run his hands through the soil and take up a little and squeeze it. Emil had loved this land the way he loved his God. In a sense, he had seen God and the land as one and the same.

final da indústria, um tipo de processamento que é estranho para Wes e a solução para o banqueiro de Big River, o sr. Jamison:

“Nunca consegui entender o porquê dos rancheiros serem sentimentais por uma pilha de rochas e cedros. Você tem que vê-las estritamente do ponto de vista dos negócios. Um rancho é somente uma fábrica. Onde as outras produzem carros ou refrigeradores, um rancho produz bife e carne de carneiro, lã e *mohair*. Aquela terra não é nada mais do que um piso de produção, e a pecuária não é nada mais do que uma máquina funcionando. Eles tiram as matérias-primas – a grama, as ervas daninhas e o mato – e convertem elas em produtos finalizados. Uma vaca, uma porção de terra é tudo a mesma coisa. A única diferença que importa é o quanto vão produzir. Qualquer coisa mais do que isso é puro romantismo. Este é o mundo *real* onde vivemos, Wes. Temos que nos libertar do romantismo”. (KELTON, s/d, p. 110, grifo do autor)¹⁸

A lógica de exploração do banqueiro, o que não deixa de estar adequado à sua posição, está na consideração do rancho como fábrica de produtos para atender o mercado. O romantismo, criticado por ele, indica que Wes está apegado a um modo de vida anacrônico. Talvez o sr. Jamison não estranhasse ver Big River destruída, desde que houvesse alguma compensação financeira. O herói de Kelton não tem apego pecuniário, por isso a persistência para não entregar o rancho, o que foi minando suas forças até o esgotamento físico e mental. O respeito à terra foi vencido pela ganância da maioria.

Em *The Time It Never Rained*, Charlie observa que a própria atividade agrícola, quando é utilizada sem o respeito ao ciclo da natureza, põe em risco a sua própria sobrevivência. Para os empresários, sem contato íntimo com a terra, a destruição da natureza pouco importância tem, desde que haja um retorno satisfatório do investimento. Entretanto, a mensagem de ambas as narrativas é que o fim do ciclo rancheiro indica o fim da vida rural (com perspectiva mais sustentável), da esperança ou mesmo da felicidade:

Se ele [Charlie] abandonasse esta terra, abandonaria a esperança. Onde ele poderia ir? O que poderia fazer? O que mais ele conhecia além de gado? Esta terra não era mais algo distante dele, era parte dele como os braços e as pernas. O seu suor e sangue estavam embebidos nela. Como uma árvore velha, suas raízes estavam tão profundamente no chão que não poderiam ser

¹⁸ “I never could understand why ranchers get sentimental over a pile of rocks and cedar brush. You’ve got a look at them strictly from a business point of view. A ranch is just a factory, nothing more. Where others produce cars or refrigerators, a ranch produces beef and mutton, wool and mohair. That land out yonder is nothing more than a production floor, and the livestock is nothing more than the working machinery. They take the raw materials – the grass and weeds and the brush – and they convert them into the finished products. One cow, one piece of land, is about the same as any other. The only difference that matters is in how much they’ll produce. Anything more than that is pure romanticism. This is the *real* world we’re living in, Wes. We’ve had to outgrow romanticism.”

retiradas. Tirasse-o agora daqui e ele morreria. (KELTON, 2008, p. 223-224)¹⁹

Isso também explica a resistência de Wes em vender o rancho, embora o neto Jim Ed tenha comentado que o valor de mercado houvesse triplicado. A especulação imobiliária, longe de ser uma motivação para que o avô veja o seu patrimônio sobrevalorizado, o afasta cada vez mais da efetivação do negócio, pois, comenta Wes, “‘Como *you* sabe o quanto ela vale? Como *you* põe um preço em quarenta e poucos anos? *You* não viveu nem a metade desse tempo’” (KELTON, s/d, p. 28-29, grifo do autor).²⁰ Em suma: a resistência dos dois rancheiros, que evitam se desfazer de suas propriedades, indica haver um valor intrínseco na terra desconhecido para aqueles que não interagiram de forma tão íntima e afetiva quanto os dois. Assim, a imagem dos *cowboys* como árvores cujas raízes estão fincadas na terra é até coincidente. São palavras de Wes:

“Sabe por que tenho lutado tanto com eles sobre essa questão do lago? É por causa da terra, claro, porque eu amo este lugar. Porém, é mais do que a terra; são as memórias ligadas a ela. Este lugar mantém as memórias vivas.
“Se eu saísse daqui e fosse morar na cidade do jeito que o seu pai [de Jim Ed] quer, receio que as memórias enfraqueceriam. Seriam como árvores de raízes cortadas; secariam e morreriam. Eu também. Preciso da terra. É onde minhas raízes estão”. (KELTON, s/d, p. 216)²¹

Wes, de forma alguma, está interessado na aquisição de capital e no aumento de seu patrimônio financeiro. A impressão é que sua dignidade está estruturada no alicerce de uma vida rural materializada pela propriedade que ele se recusa a vender, pois a terra que está sob os seus pés o sustentam. Desta forma, nenhuma oferta de dinheiro ou mesmo de mudança de atividade o sensibiliza. O xerife da cidade, Wally Vicent, é um dos maiores ativistas para chegada do turismo em Big River, já que salvaria a cidade que estava em processo de recessão devido à crise agropecuária e petrolífera, conforme já explicitado. Considerando o aspecto econômico, o xerife tem razão, mas ele peca ao não perceber que há coisas mais importantes do que dinheiro: “‘Este velho rancho é como um filho pra mim e *you* quer afogá-lo. Se Deus

¹⁹ If he abandoned this land he abandoned hope. Where could he go? What could he do? What else did he know except livestock? This land was no longer something apart from him, it was a part of him like his arms and legs. His sweat and his blood were soaked into it. Like an old tree, his roots went too deeply into this ground for him ever to be transplanted. Pull him up from here now and he could only die.

²⁰ “How do *you* know what it’s worth? How do *you* put a price on forty-odd years? *You* ain’t *lived* half that long”.

²¹ “*You* know why I’ve fought them so hard on this lake thing? It’s the land, sure, because I love this place. But it’s more than just the land; it’s the memories that are tied up in it. This place keeps the memories alive. “If I was to leave here and go live in the city the way your daddy wants me to, I’m afraid the memories would fade. They’d be like trees with their roots cut off; they’d dry up and die. So would I. I need the land. That’s where all my roots are”.

quisesse um lago aqui ele teria posto uma encosta no rio” (KELTON, s/d/, p. 111), explica Wes Hendrix.²²

Entretanto, o xerife está interessado no bom negócio que seria a transformação de Big River em *resort*:

“Você poderia montar um negócio bem inteligente. Estou pensando em construir um resort e uma rampa de barcos, algo assim. Há um público implorando por recreação. Você poderia iniciar um negócio e vender iscas, mercadorias e coisas do tipo. E cerveja. Tem ideia de quanta cerveja um pescador consegue beber? Rapaz, você faria mais dinheiro com venda de bebida em um mês do que conseguiria com vacas o resto de sua vida. Ficaria bem feliz em trocar vacas velhas por um ônibus cheio de turistas”. (KELTON, s/d/, p. 109)²³

De uma forma prática e pensando na administração municipal, Wally tem razão ao enxergar uma oportunidade lucrativa de negócio em uma cidade decadente. Se por um lado a atitude de Wes é louvável, por ele querer preservar a cultura do *cowboy*, por outro, o fato de a construção do *resort* ser a provável saída da cidade da crise também deve ser levada em consideração. Concluindo: neste embate de expectativas não há vencedores, pois a concretização de uma atividade exclui a outra.

O represamento do rio traria como consequência o desaparecimento de uma porção de terra importante para Wes. Mesmo que a vinda do turismo para Big River fosse um alento para o tempo de crise, o velho rancheiro resiste à mudança de atividade, pois isso implicaria na sua perda pessoal, no fim de sua longa atividade no campo. A memória particular é muito preciosa e vale, segundo me parece, o transtorno provocado pelo conflito com os demais moradores da cidade. Por outro lado, também não é possível nem mesmo cogitar o futuro de Big River caso o projeto de *resort* fosse descontinuado.

De certa forma, uma perspectiva desta crise é ilustrada no seu próprio paratexto. Na já mencionada “Introdução” de *The Man Who Rode Midnight*, Elmer Kelton alerta para a crise do setor de produção agropecuário, um dos principais temas discutidos nesta narrativa:

Percorra um interior agropecuarista ou as cidadezinhas rurais que tradicionalmente têm dependido da agricultura e terá a prova do tema que domina *The Man Who Rode Midnight*. Casas abandonadas, cidades com

²² “This old ranch is like a child to me, and you’d drown it. If the Lord had wanted a lake here he’d’ve slid a hill down into the river.”

²³ “You could do a right smart of business. I’m figurin’ on buildin’ me a resort and boat ramps and such. There’s a public out yonder cryin’ for recreation. You could set up by the pavement and sell bait and groceries and stuff. And beer. You have any idea how much beer a fisherman can drink? Hell, you could make more money off of a beer license in a month than you can make off of cows the rest of your life. I’d be tickled to swap *my* old cows for a busload of tourists.”

vitrines de lojas com tábuas, bancos falidos, casas vazias com placas de “À venda” pendentes nos jardins ressecados denunciam a hemorragia econômica, a convulsão social e um triste êxodo. (KELTON, s/d, p. 5)²⁴

Como uma temática recorrente, o perigo de colapso deste setor indica haver uma constância, uma sempre presente ameaça que deve ser enfrentada por seus protagonistas. A recessão não ameaça apenas um setor econômico, que é fortíssimo no Texas. Há, acima de tudo, a decadência de um estilo de vida *cowboy*. Mesmo que nós estejamos cientes de que ainda existam *cowboys* em nosso século, é preciso considerar que os *cowboys* representados por este autor fizeram parte de outra geração, e que entrou em conflito com as mudanças estruturais.

Ambos Rio Seco e Big River representam, ficcionalmente, pequenas cidades texanas profundamente dependentes da agropecuária. Como o Oeste hidráulico está associado à exploração da água em região árida, os dois romances de Kelton discutem quais os problemas advindos da ausência de água ou da sua presença.

REFERÊNCIAS

- KELTON, Elmer. *The Man Who Rode Midnight*. Fort Worth: Texas Christian University Press, s/d.
- KELTON, Elmer. *The Time It Never Rained*. Nova Iorque: Tom Doherty Associates, LLC, 2008.
- LIMERICK, Patricia Nelson. The Adventures of the Frontier in the Twentieth Century. In: GROSSMAN, James R. (Ed.). *The Frontier in American Culture*. Califórnia: University of California Press, 1994. p. 67-97.
- LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest*. The Unbroken Past of the American West. New York: W. W. Norton & Company, 1988.
- MORENCY, Jean. *Frontier*. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Rio Grande do Sul: Tomo Editorial; Editora UFRGS, 2007. p. 289-295.
- WOSTER, Donald. *Rivers of Empire*. Water, Aridity, and the Growth of the American West. New York: Oxford University Press, s/d.
- WOSTER, Donald. *Under Western Skies*. *Nature and History in the American West*. New York: Oxford University Press, 1992.

Artigo recebido em fevereiro de 2017.
Artigo aceito em maio de 2017.

²⁴ Drive through ranching and farming country or the rural small towns which traditionally have depended upon agriculture and you'll see evidence of the theme that dominates *The Man Who Rode Midnight*. Abandoned houses on the land, towns with boarded-up storefronts, failed banks, vacant homes with forlorn “For Sale” signs sagging in dried-up front yards tell of economic hemorrhaging, of social upheaval and a sad exodus.